

EUCLIDES DA CUNHA E A POESIA DO PENSAMENTO

Anélia Montechiari PIETRANI
Universidade Federal do Rio de Janeiro
aneliapietrani@letras.ufrj.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo refletir sobre o papel do narrador no livro *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha (1866-1909), no que concerne à aliança entre ciência e arte em seus escritos, bem como sobre sua singularidade estética no período histórico e literário do início do século XX brasileiro, o chamado Pré-modernismo, especialmente tomando por apoio teórico-filosófico a conceituação de ironia romântica, segundo Friedrich Schlegel, em consonância com o que a filósofa Hannah Arendt compreende por uma das atividades espirituais básicas: o ato de pensar.

Palavras-chave: Euclides da Cunha. Romantismo alemão. Reflexão. Literatura e sociedade.

Abstract: This article aims at reflecting on the narrator's role in the book *Os sertões* (1902), written by Euclides da Cunha, regarding the alliance between science and art in his writings, as well as his aesthetic singularity in the literary and historical period of the early twentieth century in Brazil, the so-called Pre-modernist style, especially by taking theoretical and philosophical support from the concept of romantic irony according to Friedrich Schlegel, in line with what philosopher Hannah Arendt took as one of the most important spiritual activities: the act of thinking.

Keywords: Euclides da Cunha. German Romanticism. Reflection. Literature and society.

Os compêndios didáticos e de história da literatura brasileira determinam o ano de 1902 para o início do Pré-Modernismo, com a publicação de *Canaã*, de Graça Aranha (1868-1931), e de *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1866-1909). Alfredo Bosi, em seu sistemático livro sobre essa escola literária, atribui a criação do termo a Tristão de Ataíde, que teria considerado como especificidade dos autores dessa época, dentre eles, os dois já citados – Euclides da Cunha e Graça Aranha – além de Lima Barreto (1881-1922), Monteiro Lobato (1882-1948) e o poeta Raul de Leoni (1895-1926), a antecipação do estilo modernista tanto no aspecto formal quanto temático.

Longe de esgotar a discussão sobre esse momento tão peculiar da literatura brasileira, que teria durado até 1922, ano de realização da Semana de Arte Moderna, este artigo pretende repensar o lugar da produção estética de Euclides da Cunha nesse

período de tendências conservadoras e renovadoras do início do século XX brasileiro, seja reconhecendo o lastro filosófico, científico e estético de que se vale o escritor fluminense na composição de seus textos, seja distinguindo-o em sua forma singular e própria de escrita em relação à formação e construção do complexo processo literário brasileiro, especialmente no que concerne às discussões acerca dos vínculos entre literatura e sociedade.

Euclides da Cunha, nascido em Cantagalo em 20 de janeiro de 1866 e morto, aos 43 anos, em 15 de agosto de 1909, no Rio de Janeiro, é um dos autores mais marcantes da literatura brasileira e uma das principais vozes da língua portuguesa de todos os tempos. Engenheiro, matemático, jornalista, narrador do épico de Canudos, viajante da natureza amazônica e poeta bissexto, assume com coerência e segurança um projeto de escrita em que não se compartimentalizam a ciência e a arte. Nesse projeto, a razão não aparece como antípoda da imaginação, nem a arte é compreendida como alheia ao campo científico; na verdade, complementam-se. Pensamento poético e poesia pensante são, no texto de Euclides, o que a filósofa Hannah Arendt conjugará, anos depois, em seu belo livro *A vida do espírito: o pensar, o querer e o julgar*, publicado na década de 70 do século XX: “Todo pensamento deriva da experiência, mas nenhuma experiência produz significado ou mesmo coerência sem passar pelas operações de imaginação e pensamento” (ARENDR, 2010, p. 106).

A necessidade dos que decidem contar a história de algum acontecimento de que foram testemunhas ou de escrever poemas a respeito dele em nada difere da necessidade da razão, compreendida por Arendt como “a busca de significado que faz com que os homens formulem questões” (ARENDR, 2010, p. 96). Lendo os textos de Euclides sobre Canudos ou seus escritos amazônicos, e mesmo seus tão pouco conhecidos e estudados poemas, encontramos um homem em viagem ao pensamento, na situação de “estar só”¹, em companhia consigo mesmo, porque ilhado em suas perquirições.

O caminhante solitário de Rousseau, que passeia pela natureza majestosa e quer unir razão e sentimento no coração, e o *flâneur* de Baudelaire, que, na magistral interpretação de Walter Benjamin, carrega a melancolia do caminhante solitário, mas

¹ Usamos aqui a expressão segundo a concepção de Hannah Arendt, que distingue a situação existencial de “estar só” da de “solidão” nos seguintes termos: “Chamo esse estado existencial no qual faço companhia a mim mesmo de “estar só”, para distingui-lo da “solidão”, na qual também me encontro sozinho, mas abandonado não apenas de companhia humana, mas também de minha própria companhia” (ARENDR, 2010, p. 92).

quer um coração desnudado, distanciado e sem misericórdia, e também passeia – só que pela cidade majestosa, poeirenta e suja –, parecem estar unidos no viajante Euclides da Cunha a percorrer seus caminhos.

Não nos referimos aqui apenas à viagem que faz do Rio de Janeiro ao sertão baiano de Canudos ou ao deserto verde da Amazônia, paisagens de um Brasil esquecido; em todo o tempo em que Euclides se afastou geograficamente do litoral brasileiro rumo ao que chamou o “cerne da nacionalidade”, ele se aproximou, na vida do espírito – tomando de empréstimo o título do livro de Hannah Arendt –, no plano reflexivo, volitivo e judicativo², das ruas do Rio de Janeiro da República Velha e da *Belle Époque* brasileira. Por estas – representadas magistralmente em *Os sertões* pela Rua do Ouvidor – vagueiam pés “vivendo parasitariamente à beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa, e armados pela indústria alemã” (CUNHA, 1995, v. 2, p. 99). De costas para o Brasil dos sertões e da selva, olhos transatlânticos brilham.

Não os de Euclides. Seu olhar é o do caminhante em busca da natureza, não exclusivamente a da paisagem, a natureza da terra, mas também a da natureza do homem e da natureza da luta, como tão bem se delimitam e se configuram as três partes de seu livro de maior repercussão, *Os sertões*. Diante de seus escritos, a paisagem é cartografada internamente. O mapa que nos apresenta é o que desvela o invisível do invisível em sua natureza de aparências: uma guerra fratricida em nosso próprio solo, um exílio de nordestinos tornados seringueiros, uma história esquecida, uma república que não atende ao bem público e universal, consideravelmente distante de uma concepção de ciência e de razão que a utopia iluminista compreendia e com que Euclides da Cunha, coerentemente, compactuava.

Nas páginas iniciais da primeira parte de *Os sertões*, Euclides relata-nos:

Dos breves apontamentos indicados, resulta que os caracteres geológicos e topográficos, a par dos demais agentes físicos, mutuam naqueles lugares as influências características de modo a não se poder afirmar qual o preponderante.

² Também aqui me refiro à expressão de Hannah Arendt, do mesmo livro já citado neste artigo, sobre as três atividades básicas, o pensamento, a vontade e o juízo, que integram a “vida do espírito”, compreendida pela filósofa como o “desempenho aparentemente não lucrativo dessas empresas espirituais que não produzem resultados e ‘não nos dotam diretamente com o poder de agir’ (Heidegger)” (ARENDR, 2010, p. 89).

Se, por um lado, as condições genéticas reagem fortemente sobre os últimos, estes, por sua vez, contribuíram para o agravamento daquelas – e todas persistem nas influências recíprocas. Deste perene conflito feito num círculo vicioso indefinido, ressalta a significação mesológica do local. Não há abrangê-la em todas as modalidades. Escasseiam-nos as observações mais comuns, mercê da proverbial indiferença com que nos volvemos às coisas desta terra, com uma inércia cômoda de mendigos fartos.

Nenhum pioneiro da ciência suportou ainda as agruras daquele rincão sertanejo, em prazo suficiente para definir (CUNHA, 1995, v. 2, p. 118).

Referindo-se aos bem dotados de razão e ciência que mal puseram os pés no interior do Brasil para traçar-lhe um mapa sequer, Euclides nos cartografa a sua irritação. Sua ação como escritor não pode ser inerte como a dos “mendigos fartos”. Seu olhar não é o do brilho falseado pelas aparências de um Rio que se modela ao gosto europeu; antes, volta-se para o que o romântico alemão August Wilhelm Schlegel propunha como atividade inerente ao pensamento, à razão e ao trabalho de escrita e da arte: “Alguns preferem contemplar quadros de olhos fechados, para que a fantasia não seja perturbada” (SCHLEGEL, 1997, p. 76).

Esse estado de pensar por si mesmo em busca de pensar sobre si mesmo pode sugerir, a princípio, uma separação entre mundo exterior e interior, através da dicotomia entre razão e imaginação. No entanto, o sentido romântico de reflexão e de autorreflexão não se liga ao de solidão como contemplação e afastamento. Está mais próximo ao sentido de estar só segundo a concepção de Hannah Arendt tratada em livro anteriormente referido, ao de autoconhecimento pelo apoderamento da subjetividade, numa dialética constante entre a “infinitude da imaginação” e a “finitude da razão”, que “se manifestam na autorreflexão do sujeito que somos”, conforme expressões de Ronaldo de Melo e Souza em estudo sobre Euclides da Cunha e o Romantismo alemão³ (SOUZA, 2009, p. 179).

Diz-nos, ainda, Novalis:

Retornar para dentro de si significa, para nós, abstrair do mundo exterior. Para os espíritos, a vida terrestre significa, analogicamente, uma consideração interior – um entrar dentro de si – um atuar imanente. Assim a vida terrestre origina-se de uma reflexão ordinária

³ Muitas reflexões, os questionamentos, as possíveis inferências deste artigo são derivados, em grande parte, da leitura do livro *A geopoética de Euclides da Cunha*, de Ronaldo de Melo e Souza (2009).

– um primitivismo entrar-dentro-de-si, concentrar-se em si mesmo – que é tão livre quanto nossa reflexão. Inversamente, a vida espiritual neste mundo origina-se de um irromper daquela reflexão primitiva – o espírito volta a desdobrar-se – o espírito volta a sair em direção a si mesmo – volta a suspender em parte aquela reflexão – e nesse momento diz pela primeira vez – eu. Vê-se aqui quão relativo é o sair e o entrar. O que chamamos entrar é propriamente sair – uma retomada da figura inicial (NOVALIS, 2001, p. 61-2).

Essa concepção romântica sobre o ato reflexivo encontra ressonância nos textos de Euclides da Cunha e está em comum acordo com o ato do narrador euclidiano. Ainda que se apresente como o narrador observador, nos moldes de uma forma narrativa que poderia justificar o estilo realista-naturalista do *cameraman* que se distancia do objeto descrito ou narrado, saindo dele e assumindo um olhar de fora, o narrador euclidiano é também aquele que se preocupa em analisar, opinar, criticar, entrar no evento narrado e sentir os efeitos do fato. O pensamento poético e a poesia pensante estão em consonância nesse narrador caminhante-viajante que não só vê a terra, o homem e a luta, mas deles toma parte através do ato da reflexão e da autorreflexão, corroborando as palavras de Novalis acerca da relatividade entre o ato de sair e o de entrar; ambos conduzindo em direção ao eu.

Afinal, se a narração, no nível do enunciado, é feita em terceira pessoa, no nível da enunciação, aparece um “eu” (não marcado gramaticalmente) que rompe a separação entre objetividade e subjetividade, colocando sob suspeita uma suposta imparcialidade científica e, quase num exercício metalinguístico, pondo sob tensão o ato de narrar e o como narrar. Vejamos como essa estratégia se dá no próprio texto do escritor. Como a primeira parte do livro – A terra – é considerada por muitos um segmento mais seco, cru, objetivo e estaria mais próxima do sentido científico de descrição geográfica do ambiente em que se passa a trama, convém que dela extraiamos alguns exemplos que podem ser bem elucidativos:

E o observador que seguindo este itinerário deixa as paragens em que se revezam, em contraste belíssimo, a amplitude dos gerais e o fastígio das montanhas, ao atingir aquele ponto estaca surpreendido... (CUNHA, 1995, v. 2, p. 106).

À luz crua dos dias sertanejos aqueles cerros aspérrimos rebrilham, estonteadoramente – ofuscantes, num irradiar ardentíssimo... (CUNHA, 1995, v. 2, p. 113).

Esses dois exemplos são muito significativos para o que vimos expondo. Observemos como, no primeiro fragmento citado, o ato de observar se imiscui entre o narrador-observador, de foco narrativo em terceira pessoa, que descreve o cenário, e o observador-personagem, que se maravilha com o cenário que vê. Esse personagem é o mesmo narrador, que trata também de si falseado por um terceiro – o observador.

Destaquemos ainda, tanto em um quanto no outro exemplo, os termos que dão tom subjetivo ao discurso, em especial os adjetivos no superlativo e as reticências. Estas, indicadoras do suspense no ato narrativo, parecem atender às expectativas do narrador que deixa de ser mero observador e se torna sujeito da descrição e narração:

O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão, e protegido por ela – braços largamente abertos, face volvida para os céus, – um soldado descansava.

Descansava... Havia três meses.

Morrera no assalto de 18 de julho. A coronha da *mannlichet* estrondada, o cinturão e o boné jogados a uma banda, e a farda em tiras, diziam que sucumbira em luta corpo-a-corpo com adversário possante. Caíra, certo, derreando-se à violenta pancada que lhe sulcara a fronte, manchada de uma escara preta. E ao enterrar-se, dias depois, os mortos, não fora percebido. Não compartira, por isto, a vala comum de menos de um côvado de fundo em que eram jogados, formando pela última vez juntos, os companheiros abatidos na batalha. O destino que o removera do lar desprotegido fizera-lhe afinal uma concessão: livrara-o da promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante; e deixara-o ali há três meses – braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luazes claros, para as estrelas fulgurantes... (CUNHA, 1995, v. 2, p. 120).

A ironia, no primeiro parágrafo da citação acima, é evidente e se acentua pela repetição do verbo “descansava” em um período curto, pouco comum na estética discursiva euclidiana, em comparação aos quase sempre longos e rebuscados períodos empregados pelo autor. Essa repetição parece sugerir uma modulação no foco narrativo que, de terceira pessoa, passa a uma espécie de monólogo interior em que o narrador quase tenta convencer-se da cena estarrecedora que vê. Também as reticências acentuam a pausa e o suspense narrativo, abrindo a sentença informativa (“havia três meses”) que, mesmo sem revelar o todo, prenuncia as assertivas do longo parágrafo seguinte, contrastando com os anteriores. Ainda que eivado de dados informativos sobre o “descanso” do soldado, o parágrafo final dessa citação apresenta a marca da

subjetividade narrativa. O narrador não sustenta o tom descritivo e acentua o tom crítico e reflexivo com relação ao isolamento em que vivem os sertanejos, companheiros apenas de si mesmos, por meio da bela imagem da “vala comum”, e retoma o agora retrato do sertanejo morto e martirizado, face voltada para o sol, para o luar, para as estrelas, até que o discurso do narrador é interrompido mais uma vez, agora pela pausa das reticências.

O movimento de quebra discursiva nos remonta à ironia romântica que, segundo Friedrich Schlegel, se caracteriza por “uma permanente parábase”. Como o corifeu, que interrompe a continuidade do texto dramático e fala, em seu próprio nome, aos espectadores, expondo-lhes as suas queixas, opiniões políticas, suas afeições e ódios, o narrador euclidiano reconhece como ato permanente de reflexão esse movimento entre construção e interrupção, entre fala e silêncio. Cala-se o narrador, as reticências convidam, então, o leitor a participar do texto. Afinal, também nos disse Novalis, “toda reflexão é uma ação de quebra”.

Continuando num exame mais íntimo do quadro, destacam-se novos dados fixos e positivos, aparecendo com um rigorismo de incógnitas que se desvendam. Observa-se, então, com uma cadência raro perturbada na marcha e do flagelo, intercotado de intervalos pouco díspares entre nove e doze anos, e sucedendo-se de maneira a permitirem previsões seguras sobre a sua irrupção.

Entretanto, apesar desta simplicidade extrema nos resultados imediatos, o problema, que se pode traduzir na fórmula aritmética mais simples, permanece insolúvel (CUNHA, 1995, v. 2, p. 122).

Nesse fragmento, colocando em xeque as fronteiras entre o narrar e o como narrar, o narrador euclidiano nos surpreende com o desabafo sobre a impossibilidade de a razão, a ciência, a estatística, a matemática darem conta do problema da seca. E tudo isso dito (e sentido) em um período solitário no último parágrafo do segmento.

Então a travessia das veredas sertanejas é mais exaustiva que a de uma estepe nua.

Nesta, ao menos, o viajante tem o desafogo de um horizonte largo e a perspectiva das planuras francas.

Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar, agride-o e estonteia; enlaça-o na trama epinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores rijamente no espaço ou estirando-se

flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante... (CUNHA, 1995, v. 2, p. 125).

E o sertão é um paraíso...

Ressurge ao mesmo tempo a fauna resistente das caatingas: disparam pelas baixadas úmidas os caítilus esquivos; passam, em varas, pelas tigueras, num estrídulo estrepitar de maxilas percutindo, os queixados de canela ruiva; correm pelos tabuleiros altos, em bandos, esporeando-se com os ferrões de sob as asas, as emas velocíssimas; e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericoias vibrantes, cantam nos balesdos, à fímbria dos banhados onde vem beber o tapir estacando um momento no seu trote brutal, inflexivelmente retilíneo, pela caatinga, derribando árvores; e as próprias suçuaranas, aterrando os mocós espertos que se aninham aos pares, nas luras dos fragedos, pulam, alegres, nas macegas altas, antes de quedarem nas tocaias traçojeiras aos veados ariscos ou novinhos desgarrados... (CUNHA, 1995, v. 2, p. 133).

Mais uma vez, a prosa do engenheiro se vê surpreendida com a poesia do pensamento do escritor Euclides da Cunha. Não se trata unicamente de descrever a caatinga em comparação com a estepe; o que interessa ao narrador é o efeito emotivo do que vê. As vozes dos animais, a correria, tudo tem animação; o sertão tem vida, não é estático, não é ermo, como o transeunte da Rua do Ouvidor poderia pressupor. Certamente, nem o próprio Euclides jornalista estava convicto da verdade, de alguma verdade; foi preciso que cartografasse a natureza da terra, do homem e da luta, e poetizasse o pensamento, de modo que pudesse – conforme a necessidade da razão, da narrativa e da poesia – buscar o significado que faz formular questões, ao abrir, como na perfeita contradição da ironia romântica, o final de tantos períodos seus com o inicial convite das reticências. Ao leitor, seu *hypocrite lecteur*, é dada a reflexão.

Referências bibliográficas:

ARENDDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer e o julgar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1985.

_____. *Pequenos poemas em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989 (Obras Escolhidas, v. III).

BOSI, Alfredo. *O pré-modernismo*. São Paulo: Cultrix, [s.d].

CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995. 2 v.

NOVALIS. *Pólen*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os devaneios do caminhante solitário*. Brasília, DF: UnB, 1995.

SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SOUZA, Ronalds de Melo e. *A geopoética de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

Artigo recebido em: 31 de julho de 2012.

Artigo aprovado em: 31 de outubro de 2012.

Sobre a autora:

Doutora em Literatura Comparada (UFF/2005) e Mestre em Literatura Brasileira (UFF/1998). Professora adjunta de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da UFRJ. Integra o GT “A mulher na literatura” (ANPOLL) e o Grupo de Estudos Nação-Narração (UFF/CNPq). Coordena o Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura (NIELM/UFRJ) e o Projeto Interinstitucional de Extensão “100 Anos Sem Euclides” (UFRJ/UERJ). É ensaísta, autora de *O enigma mulher no universo masculino machadiano* (Niterói, RJ: EdUFF, 2000); *Experiência do limite: Ana Cristina César e Sylvia Plath entre escritos e vividos* (Niterói, RJ: EdUFF, 2009); coorganizadora de *Literatura e poder* (Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006) e organizadora de *Euclides da Cunha: presente e plural* (Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010).